



## Beijava o pão e desejava melhor sorte

«Não sou croata nem sérvio, sou jugoslavo», esclarece. Ljubomir Stanisic nasceu num país que desapareceu do mapa – Jugoslávia –, cresceu a cruzar fronteiras e a olhar para a guerra, mas o Natal era um dia sagrado. Apesar dos pais não serem religiosos, respeitavam-se as tradições.

No dia 6 de Janeiro (véspera do Natal ortodoxo), «não se comia nada com gordura animal, nem carne, nem peixe. Não se usava fermento, fazia-se o pão com água com gás e bicarbonato para o pão levedar». O *prebranac* (feijoca branca assada) era o prato principal. Em volta da mesa juntava-se toda a família, gente «que não via o resto do ano» e muitos amigos. Não havia presentes, apenas histórias para partilhar. No dia 7, esquecia-se a religião. Cedó, acendia-se a lareira e preparava-se o borrego. Quando se sentavam a comer, havia mais de 20 pratos. E o pão. Cada um pegava no alimento sagrado, «regávamos com vinho tinto, beijávamos o pão e desejava-se melhor sorte para o ano seguinte». Depois partia-se e começava a festa.

«Todo o ano guardava-se dinheiro para ter um Natal rico». Mesmo quando a guerra lhe tirou tudo e o obrigou a deixar Sarajevo e atravessar a fronteira para a Sérvia, «a minha mãe fazia de tudo para não nos sentirmos pobres e, nesse dia, havia mesa farta». Chegou a Portugal com um curso de cozinha. Abriu um restaurante em Cascais, que correu mal, agora faz sucesso em Lisboa. A mãe chegou há pouco para o ajudar a recomeçar, como sempre fizeram juntos. Tem 57 anos e não perdeu a pose. Há coisas que nem a guerra pode matar.

# PÃO

Ljubomir Stanisic (100 Maneiras), 32 anos, ex-Jugoslávia

